



**O RITO E A CENA: APROXIMAÇÕES ENTRE A RITUALIDADE DA
UMBANDA E A PERFORMATIVIDADE DO TEATRO**

Autor: Jean Bruno Carvalho¹

Orientadora: Professora Doutora Larissa Sato Turtelli²

Resumo

O presente artigo pretende refletir sobre as aproximações possíveis entre os ritos das umbandas brasileiras e a performatividade do teatro, tendo como interface conceitual os estudos etnocienológicos. Resultado da pesquisa teórico-prática de mestrado em andamento e intitulada “Entre o terreiro e a cena: cruzamentos da performatividade dos rituais de umbanda com o teatro”, o texto explora aspectos históricos e comunitários da umbanda, discutindo a problemática do seu embranquecimento atualmente em curso e propondo equivalências entre o rito e a cena. Através de revisão bibliográfica, pesquisas de campo³, laboratórios cênicos e do uso de ferramentas do método Bailarino-pesquisador-intérprete os estudos teóricos e práticos se dão.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Unicamp, é bacharel em Artes Cênicas pela UNICAMP, ator, arte-educador, professor e pesquisador, atualmente debruçando-se sobre as afrobrasilidades da cena e as encruzilhadas que conectam o teatro à umbanda. Ênfase em estudos da performance e dramaturgia realista feminina oitocentista. Email: jean-carvalho4@hotmail.com

² Professora Livre Docente (Professora Associada I) do Departamento de Artes Corporais da UNICAMP com atuação na Graduação em Dança e na Pós-Graduação em Artes da Cena. Doutora em Artes, Mestre em Educação Física na Linha de Pesquisa de Imagem Corporal e Movimento e Bacharel em Dança pela UNICAMP. Atua como intérprete, pesquisadora, diretora e docente na área da Dança. Email: lariturt@unicamp.br

³ Esta pesquisa conta com a análise e a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em setembro de 2024, sob o número CAAE: 83023224.1.0000.8142. Todas as etapas do estudo, incluindo a coleta de dados em entrevistas e seu devido tratamento posterior, foram analisadas e aprovadas pela Comissão de Ética em Pesquisas competente.



Palavras-Chave: Umbanda, teatro, estética de terreiro, etnocenologia.

A umbanda é uma religião brasileira de matriz afro-indígena que reúne referências culturais diversas em seus ritos. Sua história é contada de diferentes formas e sua narrativa disputada, gerando nos dias de hoje considerável movimento acadêmico em busca de se realizar uma arqueologia da religião. Como e quando nasceu a umbanda? A quem se deve sua “autoria”? – se é que podemos discuti-la em se tratando de modos-de-fazer de terreiro.

Principia-se dizendo que a presente pesquisa parte da concepção, confirmada através das diversas investigações de campo realizadas, de que é impossível falar de uma umbanda no singular, como se pode falar de outras religiões que apresentam caráter unívoco e homogêneo, independentemente de variações geográficas, socioculturais e raciais. O que se passa com a umbanda no Brasil é que ela não diz respeito nem a uma só umbanda e nem a um só Brasil: adotaremos a forma pluralizada das umbandas para nos referirmos a um fenômeno tradicional, eclético e legítimo que teve como ponto de partida a chegada dos sujeitos escravizados em terras invadidas, o que marcou a memória nacional para sempre, fazendo do território nacional um receptáculo dos povos da diáspora africana forçada.

O desenvolvimento e a mescla das heranças bantu⁴ abriram caminho para aquilo que posteriormente seria conhecido como macumba carioca. O senso-comum brasileiro, influenciado pelo movimento espírita que goza de considerável prestígio no país, costuma atribuir à umbanda um nascimento com data, local e protagonista. O dia é o fatídico 15 de novembro, o ano é 1908 e o local é a Federação Espírita de Niterói, em que o médium Zélio Fernandino de Moraes recebe a entidade Caboclo das Sete Encruzilhadas, que funda naquela ocasião a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, que se autointitula o “marco fundador da umbanda”⁵. Este é conhecido na atualidade como o mito fundador da

⁴ Os povos de origem bantu compunham distintas etnias que foram escravizadas e trazidas ao Brasil durante seu período colonial. Grande grupo etnolinguístico da África subsaariana, os bantu se diferem de outras matrizes linguísticas e sociais como a iorubá, cujos povos vieram da África Ocidental, em especial da Nigéria e do Benim.

⁵ Informação que consta na própria página da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Disponível em: <https://www.tensp.org/historia>. Acesso em: 25 de nov. 2025.



umbanda, a religião que, de acordo com Bruno Rohde (ROHDE, 2009), é a “religião que não nasceu”. Se por um lado a institucionalização da umbanda através da formalização institucional de Zélio de Moraes serviu à nacionalização (ROHDE, 2009, p. 87) da religião no século XX, por outro, se sabe – e faz-se necessário afirmar – que registros do calundu e do calundu-angola foram encontrados em documentos do século XVIII, revelando-se parte da arqueologia das umbandas e que virá a ser a coluna dorsal das concepções contemporâneas acerca da verdadeira origem da religião.

Nos dias de hoje, estudiosos e pais-de-santo estão reivindicando o reconhecimento da participação dos sujeitos escravizados e de seus descendentes na formatação e no desenvolvimento das umbandas. A transição do calundu às macumbas cariocas consolidou o momento em que diversas referências bantu (nas quais se inclui o próprio calundu) e indígenas se mesclaram à cultura e se consolidaram como a prática mágico-tropical brasileira que as umbandas são. A atualização histórico-contextual requerida hoje em dia faz-se de extrema importância para que se compreenda que a umbanda possuiu, de fato, um histórico desenvolvimento ocorrido em seio negro-africano no Brasil, apesar do que dizem as umbandas criadas a partir de Zélio de Moraes, aquelas a que chamamos de “umbanda espírita”; ou “umbanda branca”; ou até “umbanda de demanda”. Compreendendo-se isto, portanto, e a necessidade ético-estética de chamarem-se as umbandas no plural, tal qual os Brasis (RIBEIRO, 1995, p. 269), poder-se-á traçar paralelos entre as matrizes híbridas dos ritos das umbandas e a performatividade da cena teatral.

O teatro também se faz lugar de encontro de referências e de modos-de-fazer. A cena teatral aglutina pensares, vivências e linguagens dispostas a refletirem sobre o mundo e sobre o papel do sujeito no mundo. O principal objetivo desta pesquisa é investigar possibilidades teóricas e práticas de se relacionar a estética da umbanda ao teatro, especialmente através do símbolo mais contundente e eficaz quando se fala de culturas de terreiro: as encruzilhadas. Acerca do poder epistêmico, ancestral e estético da encruzilhada, opina Fernanda Barbosa, diretora teatral e pesquisadora conhecida por Onisajé:



[...] A encruzilhada compreendida como o ponto neutro onde se estabelece a relação com Exu enquanto comunicação e orixá bússola; a encruzilhada como uma forma de ser e estar no mundo e, por fim o awô (segredo), como delimitador do “o que” e do “como” os elementos do axé são tratados no processo criativo, na cena e nas ações de comunicação da montagem. (BARBOSA, 2023, p. 23).

A encruzilhada é, portanto, onde começam os Brasis no período colonial e o ponto em que ele mesmo se separa em ramificações infinitas capazes de influenciar a cultura, a religião e o próprio teatro. Objetiva-se encontrar com o presente estudo pontos de intersecção entre a prática umbandista e a cena teatral, elaborando um pensar e fazer artísticos embebidos de referenciais umbandistas. Através de revisão bibliográfica e de laboratórios cênicos, está em desenvolvimento um material artístico que busca conter o que a pesquisadora e professora Grácia Navarro nomeia de *estética de terreiro*:

A estética de terreiro é a tomada de um espaço físico repleto de significados culturais como matriz da composição cênica. O terreiro pode ser compreendido por um terreno de umbanda ou candomblé, um circo, um cortejo de carnaval, uma festa junina. (NAVARRO, 2016, p. 264).

Mergulhando-se nas referências dos terreiros de umbanda como território social, político e estético disparador de pistas que contribuem para a composição em teatro, as pesquisas de campo realizadas têm sido de grande importância para a investigação, na medida em que possibilitam contato com a fonte das manifestações em questão, o que oferece à pesquisa um amplo e diverso panorama de terreiros, cada qual com seus ritos, espaços rituais, liturgias e adereços. Todos estes elementos, a partir das contribuições da etnocenologia – campo de estudo que se debruça sobre os aspectos espetaculares de manifestações culturais tradicionais – ganham equivalências na cena, colaborando para que se pense o rito como um grande evento espetacular (e por que não cênico?). A esta hipótese se dedica a presente pesquisa. Acerca da abordagem etnocenológica, as pesquisadoras e professoras Graziela Rodrigues e Larissa Turtelli mencionam:

Os rituais da Umbanda podem ser vistos, na perspectiva da etnocenologia, como práticas espetaculares, as quais, segundo essa



Seminário de Pesquisas MARIO SANTANA PPG Artes da Cena - IA - UNICAMP

I

vertente, abrangem também “outras práticas espetaculares não especificamente artísticas ou mesmo sequer extracotidianas” (BIÃO, 1998, p. 15). Esses rituais também podem ser considerados como performances. (RODRIGUES; TURTELLI, 2017, p. 145).

Considerando-se as contribuições dos estudos da *performance* (SCHECHNER, 2020), compreende-se dentro desta grande área do saber práticas diversas que dizem respeito ao fazer, ao ser visto e ao fazer para ser visto. O campo da *performance* é um espaço conceitual e prático experimental que abarca fazeres culturais tradicionais, como é o caso dos rituais religiosos. Compreendendo-se os ritos umbandistas como acontecimentos performativos pelo viés da *performance* e espetaculares pelo viés da etnociologia, pode-se analisar seus elementos constituintes a partir de um prisma teatral. Daí surgem equivalências simbólico-espaciais que podem ser de grande proveito para a busca do que se denomina *estética de terreiro*. O grande espaço circular do congá passa a assumir o valor de espaço cênico; os elementos do congá, como os orixás, as demais imagens, as velas, os objetos-rituais e as comidas passam a ter valor de elementos cenográficos deste espaço cênico; a indumentária sagrada usada pelo pai ou mãe-de-santo juntamente aos médiuns da corrente passam a assumir valor de figurino; a liturgia da gira assume o valor de dramaturgia; e, em última instância, a entidade que baixa nos cavalos (forma como muitos terreiros nomeiam os médiuns que recebem entidades via incorporação) passa a incorporar em si valores de personagens que desempenham uma função e que possuem um papel, um objetivo. A partir dessas intersecções aproximativas respeitadas e cuidadosas, pode-se começar a explorar possibilidades cenográficas, dramáticas e de personagens a partir dos ritos das umbandas, instigando-se laboratórios práticos nos quais determinadas personas, energias e intenções são trabalhadas, sem a intenção de reproduzir o que se passa no terreiro ou retratá-lo, mas de forma a reviver, performar, *reenact* (SCHECHNER, 2020, p. 3) aquela energia, como ocorre na cena “Café Preto”, apresentada no XI Seminário Interno de Pesquisas Mario Santana, em setembro de 2025.

As umbandas, tradições de terreiro de origem afro-brasileira portadoras de inolvidável herança negro-diaspórica, transmitiram-se transgeracionalmente devido a



uma tecnologia de perpetuação cultural ágrafa, nomeada pela pesquisadora e professora Leda Maria Martins como *oralitura* (MARTINS, 2003), que se baseia na constituição e no repasse de saberes comunitários e coletivos a partir da oralidade, aspecto este que a comunidade afro-diaspórica brasileira compartilha com as comunidades indígenas, ambas lançando mão de estratégias orais, corporais e sonoras de transmissão de modos-de-fazer. Nas umbandas, este corpus de saberes que estão inscritos no imaginário simbólico-coletivo se materializa sobretudo no corpo. Se de um lado há o deliberado boicote das elites escravagistas à instrumentalização do povo negro, privando-o da alfabetização e do letramento cultural, de outro há o uso da corporificação dos saberes como estratégia para seu repasse seletivo: só sabe quem se inicia; e apenas se inicia quem puder e quem quiser. Há de haver, portanto, a autorização coletiva para a iniciação nos sabres e cultos comunitários, além do consenso. Este é um exemplo de que as comunidades de resistência encontram nas frestas (RUFINO, 2019, p. 68) a sabedoria necessária para manter e transmitir seus saberes. Estas frestas epistêmicas, ruídos e tremores causados nas epistemologias dominantes pautadas no controle do corpo e na domesticação do espírito, gerarão a síncope da cultura brasileira, estes contratempos musicais – presentes no samba, por exemplo – que nos auxiliam hoje em dia a superar o contratempo que foi a colonização brasileira e a escravidão negro-indígena nos Brasis, grandes feridas narcísicas da história nacional a que o pesquisador Luiz Rufino denomina de *marafunda colonial*:

“[...] Quando lanço a minha crítica à modernidade, faço sobre aquilo que o seu projeto de dominação colonial reivindica ser. Ou seja, a mentira propagada por séculos envolta num véu de pureza que dissimula o caráter devastador, legitimado a partir de uma política de invenção do *outro* como parte a ser dominada para a ascensão da civilização. Eis que se ergue o que chamo de *marafunda, assombro e carregio colonial*”. (RUFINO, 2019, p. 17).

Há de se desfazer, portanto, o carregio colonial da “descoberta” brasileira, evocando, no rito ou na cena, entidades das umbandas a fim de suspenderem o céu (KRENAK, 2019) e impedirem que modos-de-vida baseados em cosmogonias comunitárias, ancestrais e de resistência sejam fagocitadas por investidas cada vez mais incisivas de desarticulação comunitária. Tais investidas pautam o embranquecimento de saberes tradicionais como a umbanda e/ou seu apagamento através de estratégias



baseadas no combate à intolerância religiosa e no racismo religioso, crimes no Brasil desde 1987 e 2023, respectivamente, sob as leis de nº 7.716/1989 (Lei Caó) e nº 14.532/2023.

Busco, para tanto, fazer jus à tentativa de Walter Benjamin (1940, p. 225) de escovar a história a contrapelo, buscando o viés dos vencidos que, ainda que escondidos e soterrados pela história oficial brasileira contada nas escolas, venceram nas frestas, nas mesmas em que dançam as entidades de terreiro em gira de sexta-feira, em busca da vida que outrora tiveram e da vida que a nós nos concederão. É gira ou é peça? É rito ou é cena? Só na encruza é que se sabe; só a encruza dirá.

Referências

BARBOSA, Fernanda. *Dudu Iwoye: entre candomblé e teatro: a cenicidade do axé*. Olhares, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 20-30, 2023. DOI: 10.59418/olhares.v9i1.184.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, (26), p. 63-81. 2023. DOI: 10.5902/2176148511881.

NAVARRO, Grácia; OLIVEIRA, Alessandro. A tensão entre o sagrado e o fazer teatral: uma reflexão a partir do espetáculo *Exus*, do Grupo Pindorama. *Urdimento*, Florianópolis, v. 2, n. 27, p. 249-268, dezembro de 2016. DOI: 10.5965/1414573102272016249. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/8535/6277Copyright>

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Graziela Estela; TURTELLI, Larissa Sato. Umbanda e método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI): confluências. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 1, n. 28, p. 139-158, 2017. DOI: 10.5965/1414573101282017139. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101282017139>. Acesso em: 17 out. 2025.



Seminário de Pesquisas MARIO SANTANA PPG Artes da Cena - IA - UNICAMP

ROHDE, Bruno. Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 77-96, mar. 2009. ISSN 1677-1222. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2009/t_rohde.pdf. Acesso em: 21 nov. 2025.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SCHECHNER, Rirchard. *Performance studies: an introduction*. 4. ed. New York: Routledge, 2020.